



Aganaktismeni: o movimento grego entre razão e emoção

Raul Felix Barbosa

RESUMO

Durante o biênio de 2010 a 2012, a Grécia presenciou uma série de protestos e mobilizações coletivas contra as medidas de austeridade tomadas pelo governo grego. Surgiu o Movimento dos Indignados gregos. Espelhados no grupo homônimo espanhol, a versão helênica acampou nas principais praças do país para serem ouvidos. Sem uma identidade política comum, os gregos extravasaram suas emoções por meio da raiva, do ódio e da solidariedade. Este estudo busca analisar a inserção das emoções nos protestos ocorridos na Grécia a partir das perspectivas de Jasper e Polletta (2001), realizando uma análise do movimento grego.

Palavras-Chave: Emoções, Grécia, Revolta, Crise.

Introdução

Na Grécia o movimento de mobilização popular conhecido como *Aganaktismeni*¹, em português “os indignados”, tornou-se a principal fonte de resistência ao acordo assinado entre o governo grego, a União Europeia e o Fundo Monetário Internacional em 2010 e 2011. Ele conseguiu transformar as praças e ruas da Grécia no palco da mobilização política em todo o país.

O movimento grego compartilhou algumas características com o movimento dos Indignados da Espanha² e com o *Occupy Wall St*³ dos Estados Unidos. Em comum, os manifestantes se mobilizaram contra as instituições políticas oficiais, desafiando o capitalismo financeiro, abraçando o princípio da

¹ O nome *Aganaktismeni*, tem origem na mídia grega, o termo foi criado para diferenciar o movimento grego dos indignados da Espanha, outros termos também foram utilizados, como “o movimento das praças”, “os enfurecidos”.

² Os Indignados surgem na Espanha em maio de 2011, a partir de uma série de protestos populares, espontâneos que tinham como objetivo a busca pela “democracia real” em um ambiente de incertezas econômicas e sociais geradas pela crise que atingiu o país.

³ Surgido nos Estados Unidos em setembro de 2011, o movimento lutava contra a desigualdade social, ganância e corrupção, nos anos posteriores a crise econômica mundial que atingiu fortemente o sistema financeiro estadunidense.

solidariedade e ainda acampando em espaços públicos, exigindo mudanças e novas experiências em relação a democracia. Contudo, essas várias mobilizações não podem ser agrupadas em uma única categoria, uma vez que houve variações significativas no que se refere às propriedades políticas, à existência de identidade coletivas, os quadros existentes e a trajetória das mobilizações (THEODOSSOPOULOS, 2013).

O movimento grego não assumira a forma de um movimento social tradicional, não compartilhando de uma identidade coletiva mínima. Grupos de esquerda exerceram um papel importante. Enquanto quadros da direita populista também participaram ativamente das mobilizações coletivas, a extrema direita tentou manipular a raiva perante a mídia em seu proveito. Essa característica única do movimento grego representa um desafio completamente diferente os princípios da diversidade e abrangência presentes nos debates dos Indignados da Espanha e dos protestos de *Occupy Wall St.* Além disso, ilustra que as emoções podem desencadear formas diferentes, até mesmo conflitantes, de disputa política (LEONTIDOU, 2012).

O movimento grego surgiu em meio à crise global iniciada em 2008 e a proliferação dos movimentos *Occupy* ao redor do globo, com os exemplos mais notáveis nos Estados Unidos, Espanha e Oriente Médio entre os anos de 2010 e 2011. Esse artigo centra-se no estudo do contexto nacional grego, na polarização e na inserção das emoções em meio à política, por meio de um relato dos principais eventos de protesto protagonizados pelo movimento grego.

Além da razão: a inserção das emoções nos atos de manifestação

Apesar das exigências e objetivos que estão por trás de todas as manifestações, outros elementos bastante significativos dos movimentos sociais são as emoções e suas experiências nas ações da vida social.

Jasper (2011, p. 286) argumenta que as emoções existem em protestos como: “*motivação aos indivíduos, são geradas nas multidões, se expressam de forma retórica, suas formas e objetivos definidos não são declarados nos movimentos sociais*”. As emoções podem ser classificadas como primárias, bem como a raiva e a surpresa, ou ainda secundárias, como a vergonha e a compaixão, que dependem principalmente do entorno cultural do indivíduo.

Os especialistas destacam que a inserção das emoções nos protestos é algo normal e até mesmo desejável, e dessa forma a racionalidade dos

manifestantes não deve ser questionável. Jasper (1998, p.399) continua estabelecendo as emoções dentro de certos conceitos como o do choque moral, segundo o qual *“a perspectiva de mudanças inesperadas e repentinas em um ambiente pode despertar os sentimentos de medo e raiva. O primeiro pode paralisar, e o segundo, por sua vez, pode ser base para a mobilização”*.

Essa teoria parece ser bem aplicável aos casos de protestos originados a partir da frustração dos cidadãos devido à crise econômica. Em outras palavras, no caso da Grécia, onde um grupo diferente e desesperado de pessoas se manifestaram contra as medidas de austeridade que se viram obrigados a suportar. Episódios de protestos são mais suscetíveis de acontecer em cenários poucos estáveis onde os indivíduos experimentam mudanças de qualquer tipo. As pessoas se unem sob emoções compartilhadas e criam uma identidade coletiva. O conceito de identidade coletiva é tido como *“uma conexão cognitiva, moral e emocional de um indivíduo com uma ampla comunidade, categoria, prática ou instituição”* (POLLETTA E JASPER, 2001, p.285).

Contudo, segundo os autores, existe a necessidade de diferenciar a identidade coletiva de uma ideologia comum, o que poderia ser compartilhado por pessoas que não tem necessariamente empatia pelos demais, inclusive dentro dos quadros do movimento.

Jasper (2001) observa que é possível que as emoções possam ser examinadas de forma similar a alguns significados culturais e/ou familiares, já que evidenciam as seguintes similaridades: correlação das normas sociais das quais os indivíduos se desviam com sanções proporcionais nesse caso, as tensões entre os eventos públicos e privados e também podem constituir processos coletivos de aprendizagem. Os novos movimentos sociais validaram a mudança dos valores sociais do esquema fatorial disciplinar a outras formas de produção, onde a informação, a comunicação, a mobilidade, o conhecimento e a emoção, todos desempenham um papel importante.

A adesão a quadros reacionários da direita populista por certos participantes na parte superior da praça não gerou alarme entre os ativistas de esquerda da parte inferior. Muitos viram a participação ativa nas mobilizações coletivas como o catalizador mais importante na criação e radicalização da consciência política. Assim, eles trataram os quadros da direita populista na praça superior como as expressões espontâneas ingênuas dos indivíduos que por anos foram excluídos da esfera pública, e, portanto, buscavam traduzir sua raiva nos pronunciamentos políticos (SOTIRAKOPOULOS E SOTIROPOULOS, 2013).

Em consequência, esses militantes da praça superior muitas vezes foram vistos como se não tivessem nenhuma identificação política prévia a suas participações nas mobilizações coletivas. No entanto, os participantes do movimento na parte superior, não eram simplesmente “os indignados sem qualquer identificação política”. Eles não eram como “folhas em branco” onde novas identidades poderiam ser estampadas. Emoções como raiva e indignação incluem uma avaliação moral e humanística da ordem social (SERGI E VOGIATZOGLOU, 2013).

Os manifestantes das duas praças estavam motivados em se unir às manifestações coletivas por sua indignação moral. Compartilhavam um marco de injustiça que qualificou os atos das autoridades políticas helênicas como injustos. No entanto, as prioridades normativas e predisposições de valor dos participantes eram diferentes. Por isso, a indignação “apaixonada” foi gerada pelas avaliações cognitivas relativas à violação de diferentes valores e princípios morais (TEJERINA ET AL, 2013).

Em consequência, as acusações de “traição nacional” prevaleceram na praça superior, enquanto as acusações de “injustiça social”⁴ foram predominantes na praça inferior. As diferentes prioridades dos manifestantes levaram também à adoção de diversos quadros de diagnósticos em relação às causas da injustiça e os atores responsáveis por ela. Nos quadros da direita populista, na praça superior, as causas foram atribuídas principalmente ao *establishment* político. Na praça inferior, por outro lado, as causas foram menos personificadas, já que estavam vinculadas a uma crise sistêmica (CHRONIKÓ, 2012).

Segundo Milioni (2012), a raiva e a indignação foram atadas a diferentes diagnósticos e em consequência a diferentes demandas. Em resumo, os elementos da identidade dos manifestantes antes da mobilização, foram incorporados nos marcos que adotaram e as afirmações que articularam enquanto mobilização. As emoções, como a ira nos manifestantes, não eram independentes de sua posição ideológica.

O movimento grego dos “Indignados”

A crise financeira de 2008, iniciada pela quebra de importantes bancos

⁴ Como Gamson (1992), frames de injustiça não apenas fornecem avaliações sobre o que seria justo, mas elas também fornecem ativistas e potenciais ativistas com uma consciência politizada para desafiar o que quer que seja percebido como dano ou sofrimento.

do sistema financeiro estadunidense, foi de encontro à economia grega, que lutava contra uma enorme e crescente dívida pública que, em 2008, representava 107% do PIB grego e em 2011 já estava em cerca de 146% do produto interno bruto (DATOSMACRO.COM, 2014).

Nas eleições de 2009, o Partido Socialista (PASOK) chegou ao poder. Em abril do ano seguinte, a Grécia havia perdido o acesso ao mercado financeiro mundial. No final do mês, o governo grego anunciou a solicitação do resgate financeiro junto à União Europeia (UE) e ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Um acordo foi feito entre a chamada “*troika*”⁵ de credores estrangeiros e o governo grego, sobre uma série de políticas econômicas e financeiras, incluindo os objetivos de curto prazo bem como reformas estruturais de longo prazo (SOTIRAKOPOULOS, 2011).

Sempre que não se cumprisse os objetivos estabelecidos, o governo grego anunciava novas medidas de austeridade, já que o cumprimento dos termos junto a *troika* foi uma das condições para assegurar a liberação de novas remessas. Dessa forma, seguindo o acordo inicial, o governo grego anunciou repetidamente novas medidas de austeridade.

As primeiras mobilizações contra as políticas de austeridade ocorreram em fevereiro de 2010. Ao longo desse ano várias greves nos setores públicos e privados e manifestações de massa ocorreram por toda a Grécia. A grande participação nos protestos por todo o país foi visível. As mobilizações daquele ano destacaram fatores novos de comparação com mobilizações ocorridas anteriormente (PSIMITIS, 2011).

A forma heterogênea das identidades sociais e políticas dos manifestantes não haviam precedentes. Os manifestantes expressaram sua raiva não só às políticas de austeridade do governo, mas também às instituições políticas gregas. Além disso, durante as mobilizações daquele ano, se registraram incidentes isolados de ações agressivas. Os ataques verbais e físicos contra políticos, posteriormente viriam se tornar recorrente durante as manifestações (CHRONIKÓ, 2012, p.73). Tradução do autor.

Apesar das manifestações de 2010 representarem uma mudança na

⁵ *Troika* é uma palavra de origem russa, que significa literalmente "comitê de três membros". A *troika* dos credores da Grécia é formada pela Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e o Fundo Monetário Internacional. Ela avaliou as contas reais da Grécia para estabelecer as reais necessidades do país.

cultura política de contenda, elas ainda reproduziam divisões políticas tradicionais. Assim, os comícios foram espacialmente fragmentados em três blocos diferentes: as duas principais confederações sindicais, o partido de esquerda *Syriza* e a extrema esquerda parlamentar, e o partido comunista grego. Essa divisão, que foi amplamente criticada por muitos que participavam dos protestos, viria a ser superada quando as praças públicas tornaram-se os locais de mobilização política, resultando na fusão de diversas forças partidárias (MASON, 2012).

Em novembro de 2010, o governo divulgou a versão final do orçamento para o ano seguinte. De acordo com o ministro das finanças o objetivo do governo era reduzir o déficit de cinco bilhões para dezessete milhões de euros em 2011, cerca de 7,4% do PIB (SETIMES.COM, 2010). Os anúncios contínuos por parte do governo das novas medidas de austeridade, apesar de suas promessas de que o país se recuperaria rapidamente, a maior contração da economia, o forte aumento do desemprego e o aumento da dívida pública, aumentaram os temores da sociedade grega de que o país estava envolvido em um círculo vicioso de dívidas e recessão.

Portanto, a ideia inicial de que a crise era apenas uma fase de transição, que conduziria a normalização da vida econômica e social foi totalmente negada. As políticas de austeridades do governo afetaram não somente a classe trabalhadora, mas também a classe média grega. Houve a redução dos salários e pensões dos setores público e privado, enquanto ao mesmo tempo aumentaram os impostos existentes e criaram outros (ROBERTS, 2010).

Cortes nos gastos do governo levaram ao brusco dismantelamento do estado de bem-estar social. Desse modo, em 2011, a rápida desintegração do tecido social grego se fez visível. Uma nova geração de pobres e de sem tetos apareceu no panorama urbano da sociedade helênica (KAIKA, 2012).

Para Ritzaleou (2011), essa experiência de rápida desintegração social, que se deu de forma coletiva, intensifica as emoções existentes de ira e de raiva. A partir de 2010 uma mudança cognitiva e emocional significativa ocorreu na sociedade grega, afetando as táticas de protesto e seus objetivos. Em consequência, em 2011 se intensificaram as mobilizações, cada vez mais conflituosas. Nesse contexto, a primeira tentativa de ocupar a Praça *Syntagma*⁶ (principal da cidade de Atenas) foi realizada no dia 23 de fevereiro de 2011. A

⁶ A Praça Syntagma, que em português significa constituição, é desde a época do Reino da Grécia local das mais variadas manifestações de cunho político. A praça está localizada em frente ao parlamento grego.

ação policial contundente e o número reduzido de participantes fizeram com que a tentativa fosse frustrada.

No dia 15 de maio de 2011, os Indignados da Espanha ocuparam importantes praças de Madri e de Barcelona. No final daquele mês, vários chamados foram feitos nas mídias sociais convidando os espanhóis a manifestarem pacificamente, sem participação de partido algum. Dentre as mensagens que circulavam nas redes sociais apareceu uma que dizia “Silêncio ou vamos despertar os gregos!”. O chamado foi replicado pela mídia grega e, em 25 de maio, ocorreram protestos simultâneos em trinta e oito cidades gregas (CHRONIKÓ, 2012).

Em Atenas, após uma grande manifestação, um grupo de manifestantes decidiu permanecer na Praça *Synatagma* durante toda a noite. Essa ocupação inicial na Praça *Syntagma* se tornou um acampamento de longo prazo, que exerceu um papel de destaque nas mobilizações coletivas em toda a Grécia (DALAKOGLU, 2013).

No dia 27 de maio de 2011, foi realizada a primeira assembleia popular na Praça *Syntagma*. Foi aprovada uma resolução que pedia aos cidadãos lutar pela democracia direta e pelos princípios de igualdade, justiça e dignidade. A resolução definia os objetivos do movimento da seguinte forma:

“Não vamos deixar ruas até que as demandas que nos trouxeram aqui desapareçam. O oficialismo, a Troika, o sistema financeiro, os acordos e todos os que nos exploram. Enviamos desde aqui, a mensagem de que a dívida não é nossa. Queremos democracia já. Igualdade, justiça e dignidade!” (CHRONIKÓ, 2012, p.92).

Como a resolução revela, os manifestantes se distanciaram dos indignados espanhóis que clamavam “democracia real já”. Os gregos, por sua vez, clamavam por um modelo de democracia direta, alegando que as instituições existentes naquele momento eram incompatíveis com um modelo de governo justo e igualitário (GOURGOURIS, 2011).

Já em 29 de maio, o dia da primeira petição europeia pelos indignados, a população saiu às ruas em cidades gregas. O número de pessoas que participou do acampamento na Praça *Syntagma* se multiplicou. Foram formados grupos de trabalhos e assembleias sobre temas específicos. No dia 31 de maio a assembleia popular incluiu em suas propostas o estabelecimento de ligações organizacionais entre os manifestantes nos níveis “superiores” e “inferiores” da

Praça *Syntagma* (CHRONIKÓ, 2012). Essa proposta aborda um dos elementos distintivos do movimento dos Indignados na Grécia, que era a coexistência de forças políticas divergentes, unidas por uma posição comum contra o acordo financeiro firmado pelo governo e contra as instituições políticas oficiais.

O “Movimento da Praça”, em sua versão helênica, não poderia ser conceituado como um caso representativo de movimento social, visto que não partilhava de uma identidade minimamente coletiva. Taylor e Whittier (1992, p.105) argumentam que a identidade coletiva se relaciona a uma conceituação comum de um grupo, formado por indivíduos que possuem formações e interesses similares. Assim, um “*sendo de bem estar (...) é um componente essencial da identidade coletiva*”. Cabe ao autor assumir que, nesse estudo, consideram-se as ideias propostas por McCarthy e Zald (1977) sobre o que seriam movimentos sociais.

Para Polletta e Jasper (2001), esse “bem-estar” pode se originar de identidades, antecedendo mobilizações ou identidades formadas por meio de mobilizações coletivas. No movimento grego, embora manifestantes compartilhassem uma oposição comum às medidas governamentais, eles nem sempre se identificavam com outro positivamente por causa de suas normas e valores conflitantes. Portanto, os discursos incompatíveis aos poucos prevaleceram entre os diversos grupos de manifestantes.

Isso se fez mais evidente na Praça *Syntagma*, onde as divisões ideológicas também tomaram forma na divisão espacial. A Praça *Syntagma* é composta por duas praças, uma em nível superior e outra mais baixa. Esses níveis estão conectados por uma passarela. Por isso, a passarela se converteu em uma linha divisória invisível entre os ativistas da parte superior da praça e os que estavam na parte inferior. Durante os dias de manifestação, os protestos geralmente passavam pelas “duas praças” fazendo que ao menos fisicamente os ativistas se unissem (CHRONIKÓ, 2012).

Com o passar do tempo, no entanto, o primeiro mês de mobilizações manifestantes em cada praça assumiram atributos uniformes, dando lugar a dois blocos muito diferentes. Na praça superior, os manifestantes em sua maioria expressaram sentimentos de raiva. Desse modo, na praça superior o método dominante de protesto tomou a forma de agressões verbais contra o Parlamento e os partidos políticos (LEONTIDOU, 2012, p. 303). Tradução do autor.

Para esse bloco, não se tratava simplesmente de uma questão de justiça social. Foi, sobretudo, um problema de traição nacional e a necessidade de

impor um castigo. Os manifestantes protestavam com bandeiras gregas, enquanto retratavam os credores estrangeiros, o Parlamento helênico, os partidos e os políticos como forças perigosas que haviam levado à humilhação toda a nação helênica. Visto que todos os políticos foram retratados como corruptos e/ou traidores, o populismo anti-político prevaleceu nesse bloco (KOSTOPOULOS, 2012).

Os manifestantes entoavam slogans como Judas! Sicários, o país nunca vai morrer, Judas, Judas! Justiça, Justiça! Levem os traidores à execução! Esses e outros slogans foram entoados em coro durante os protestos da Praça Syntagma e escritos em faixas e bandeiras. Nunca na história da Grécia Moderna os protestos de cunho político foram permeados por tamanha emoção (KOPANÍTSAS, 2011, p. 19). Tradução do autor.

Foram feitas referências ao passado glorioso da nação grega, por exemplo, folhetos e cartazes recordavam os heróis da guerra de independência grega contra o Império Turco Otomano em 1821. Além disso, os manifestantes demandavam formas diretas, sem intermediário de soberania popular, e aos poucos expressavam suas crenças na vontade de um povo grego unificado. Para os que manifestavam, essa homogeneidade faria com que qualquer governo verdadeiramente representativo fosse suficientemente capaz para defender os direitos nacionais e restaurar o orgulho do país (SOTIRAKOPOULOS, 2011).

Desse modo, uma veraz democracia exigiria um Estado mais fortalecido e capaz. A presença de fortes marcos nacionalistas e populistas na parte superior transformou a praça em um espaço público ocupado exclusivamente pelos manifestantes gregos. Apesar de a maioria dos manifestantes se identificarem como democratas que ali protestavam contra a crise de representação e pela busca por modelos alternativos de democracia, as narrativas dominantes constroem um espaço político que permitiu a invasão das forças políticas de quadros da extrema-direita (ELLINAS, 2013).

O acampamento dominou a praça inferior. Os manifestantes tiveram a experiência de viver uma democracia direta, a adoção da tomada de decisões horizontal e a celebração das assembleias populares abertas. Os manifestantes usaram uma terminologia cosmopolita, destacando a importância da solidariedade em nível internacional. As redes sociais foram amplamente utilizadas para coordenar mobilizações com manifestantes em outros protestos ao redor do mundo (BRABANT, 2011).

Os ativistas da praça inferior tinham vivido, em geral, a experiência no movimento pela justiça global, o movimento contra a guerra e o Fórum Social Mundial. Houve ainda um acordo geral entre os ativistas sobre a identidade não violenta do movimento e a necessidade de proteger essa identidade. Os manifestantes queriam que o autogoverno fosse viável (CHRONIKÓ, 2012).

Dois partidos políticos de esquerda tiveram um papel de destaque na praça inferior. Esses partidos eram o esquerdista *Syriza* (que atualmente governa a Grécia) e o partido de esquerda extraparlamentar *ANTARSYA*. Ambos os partidos funcionavam nesse momento como organizações de coordenação, que consiste em múltiplas e diversas organizações políticas. Outros grupos de esquerda e ainda grupos anarquistas também participavam ativamente das mobilizações. Diferentemente da Praça *Syntagma*, grupos com ideologias diversas em outras praças por toda a Grécia dividiam o “mesmo palco”. Apesar das claras divisões, não houve um enfrentamento direto (RIZOSPASTIS, 2011).

As mobilizações cresceram ao decorrer do mês de junho. A participação foi massiva, destacando a queda de legitimidade política por parte do primeiro ministro e seu gabinete. As expectativas em relação ao potencial político do movimento cresceram. O maior protesto ocorreu na Praça *Syntagma*, em 5 de junho. Aproximadamente meio milhão de manifestantes (um número espetacular para a Grécia, visto que o país conta com sete milhões de habitantes) participaram. Mais de dez mil manifestantes participaram da assembleia popular (CHRONIKÓ, 2012).

A polícia agiu com violência excessiva e com uso indiscriminado de granadas de gás lacrimogênio. As mobilizações que tiveram maior impacto na trajetória futura dos Indignados Gregos foram as dos dias 28 e 29 de junho. Durante esses dois dias um novo pacote de medidas de austeridade deveria ser apresentado junto ao Parlamento grego para que fosse ratificado. Os sindicatos convocaram uma greve nacional nesses dias. Ativistas do movimento decidiram rodear o Parlamento, impedindo que os deputados entrassem e exercendo pressão contra as novas medidas a serem votadas. A participação nessas mobilizações superou todas as expectativas iniciais (DONADIO E KITSANTONIS, 2011).

Com grande surpresa por parte dos manifestantes, as novas medidas de austeridades foram aprovadas e a polícia reagiu às mobilizações coletivas com extrema violência. Agredindo manifestantes, jornalistas e pacientes no posto de primeiros socorros da Praça *Syntagma*. A Anistia Internacional condenou com veemência a violência policial. Os manifestantes gritavam “somos um grupo,

isso vai acabar”. Os protestos continuaram ao longo das semanas seguintes, mas a participação diminuiu gradualmente (ANISTIA INTERNACIONAL, 2011).

A cientista política grega Vassiliki Georgiadou (2013) argumentou sobre a cooperação popular para com o movimento, dizendo:

O povo foi para a praça com a convicção de que, depois de alguns dias de protestos contra o nosso governo, pelo menos os parlamentares ouviriam a indignação popular. Pensava-se que eles iriam respeitar nossas exigências, nosso direito à igualdade, dignidade e trabalho (p.41).

A maioria dos manifestantes possui uma ideia negativa da democracia no formato representativo. No entanto, continuaram a ter uma visão positiva da democracia representativa como modelo de governo constitucional. Daí os manifestantes colocavam em cheque a legitimidade das instituições políticas, porém mantiveram seu apoio a democracia representativa (SERGI E VOGIATZOGLOU, 2013).

No dia 3 de julho, uma resolução da assembleia popular levantou duas questões centrais. “O que fazemos agora?”. “Como faremos?”. A decepção foi evidente entre as resoluções posteriores aprovadas na assembleia popular. Em 30 de julho, a polícia desfez o acampamento na Praça *Syntagma*. As mobilizações continuaram por todo o país nos meses de setembro e outubro, voltando ao tradicional repertório das greves e manifestações, assim como a ocupação de prédios públicos (CHRONIKÓ, 2012).

Para Chronikó (2012), já em 2012, os protestos se fizeram menores, menos barulhentos e mais fragmentados, apesar do crescimento do desemprego e das privatizações. Após a ocupação da Praça, a crença dos manifestantes na eficácia das mobilizações coletivas se deteriorou. Por outro lado, o ativismo e o companheirismo foram reforçados, sendo estabelecidas redes de solidariedades locais. Além disso, o movimento dos Indignados e a ocupação da praça tiveram um forte impacto no sistema de partidos gregos, possibilitando uma mudança no panorama político.

À guisa de conclusão

O objetivo desse artigo foi analisar o papel das emoções, principalmente do ódio e da raiva, nos protestos que tiveram lugar na Grécia, entre os anos de

2010 e 2012, protagonizados pelo movimento intitulado “Os Indignados”, ou no idioma grego, *Aganaktismeni*. Para isso, discorreu-se sobre a história do movimento e sobre os estudos de James Jaspes e Francesca Polletta (2001). Assim, analisou-se a inserção das emoções no desenvolver das ações de mobilização coletiva na Grécia no período estudado.

O contexto no qual o movimento grego dos Indignados surgiu foi favorável para a mobilização dos movimentos sociais. O movimento grego obteve êxito na transformação das praças ocupadas nos principais locais de contestação política em toda a República Grega. O movimento dos indignados, em sua versão helênica, pode não ter alcançado seus objetivos imediatos, mas teve consequências políticas e pessoais de longo prazo. Mesmo após o fim do acampamento na Praça *Syntagma*, o impacto foi profundo nas instituições oficiais e na construção das identidades políticas dos manifestantes.

A atuação do movimento dos indignados na Grécia resultou das transformações mentais e emocionais que tiveram lugar em toda a sociedade grega. As consequências políticas dessas mudanças se tornaram evidentes quando os cidadãos expressaram publicamente sua indignação nas praças gregas. As mais diversas expressões de ira, ódio e indignação no movimento grego revelaram as diversas identidades políticas, às vezes contrapostas, dos manifestantes, mas que se mantiveram firmes, acampados nas praças do país enquanto existia uma possibilidade de mudança.

Referências

AMNESTY INTERNATIONAL. Greece: Briefing to Committee against Torture. 2011. Disponível em: < <https://www.amnesty.org/download/Documents/28000/eur250112011en.pdf>>. Acesso em 06 de junho 2015.

BRABANT, Malcolm. Greece protest against austerity package turns violent. 2011. Disponível em: < <http://www.bbc.com/news/world-europe-13935400>>. Acesso em: 04 de junho de 2015.

CHRONIKÓ, Synoptikó. **From the streets to squares: republic under construction**. Atenas: Next, 2012.

DALAKOGLU, Dimitris. **Greetings from Athenian democracy**. 2013. Disponível em: < <http://www.opendemocracy.net/opensecurity/dimitris-dalakoglou/greetings-from-athenian-democracy>>. Acesso em: 05 de junho 2015.

- DATOSMACRO.COM. **Deuda pública de Grécia.** 2014. Disponível em: < <http://www.datosmacro.com/deuda/grecia>>. Acesso em: 07 de junho 2015.
- DONADIO, Rachel; KITSANTONIS, Niki. **New round of measure of austerity in Greece.** 2011. Disponível em: < http://www.nytimes.com/2011/09/22/world/europe/greece-sets-new-austerity-measures.html?_r=0>. Acesso em: 07 de junho 2015.
- ELLINAS, Antonis. **The Rise of the Golden Dawn: The New Face of the Far Right in Greece.** 2013. Disponível em: < http://works.bepress.com/antonis_ellinas/12/>. Acesso em: 06 de junho de 2015.
- GAMSON, William A. **Talking politics.** Nova York: Cambridge University Press, 1992.
- GEORGIADOU, Vassiliki. **Right-Wing Populism and Extremism: the rapid rise of golden dawn in crisis-ridden Greece.** In: MELZER, Ralf; SERAFIN, Sebastian (orgs.). **Right-wing extremism in Europe.** Berlin: Friedrich Ebert, 2013.
- GOURGOURIS, Stathis. **Indignant Politics in Athens: democracy out of rage, greek left review.** 2011. Disponível em: < <https://greekleftreview.wordpress.com/2011/07/17/indignant-politics-in-athens-%E2%80%93-democracy-out-of-rage>> Acesso em: 05 de junho 2015.
- JASPER, JAMES. **Emotions and social movements: twenty years of theory and research.** *Annual Review of Sociology* 37, Palo Alto, v. 1, p.285-303. 2011.
- JASPER, James. **The emotions of protest: affective and reactive emotions in and around social movements.** *Sociological Forum*, v.13, n.3, p.397-424, 1998. Disponível em: < http://jamesmjasper.org/files/Emotions_of_Protest.pdf>. Acesso em: 22 de abril 2015.
- KAIKA, Maria. **La crisis económica se ve desde lo cotidiano. City: analysis of urban trends, culture, theory, policy, action,** Londres, v. 4, n. 16, p. 422-430. ago. 2012.
- KOPANÍTSAS, Dimítris. **Without Slogans: Participation and development.** Atenas: Papazisis Publishers, 2011.
- KOSTOPOULOS, Christos. **Making democracy work in Greece.** **The indignant citizen movement, media and political engagement.** 2012. Disponível em: < <http://lup.lub.lu.se/luur/download?func=downloadFile&recordId=3806264&fileId=3806265>>. Acesso em: 03 de junho 2015.
- LEONTIDOU, Lila. **Athens in the Mediterranean `movement of the piazzas': Spontaneity in material and virtual public spaces.** **City: analysis of urban trends, culture, theory, policy, action,** Londres, v. 3, n. 16, p.299-312, jun.

2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Lila_Leontidou/publications>. Acesso em: 04 jun. 2015.

MASON, Paul. **Greece: Trying to understand Syriza**. 2012. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-18056677>>. Acesso em: 30 maio 2015.

MCCARTHY, John; ZALD, Mayer. Resource Mobilization and Social Movements: A Partial Theory. **American Journal Of Sociology**, v. 6, n. 82, p.1212-1241, maio 1977.

MILIONI, Dimitra. Between “identity politics” and “politics of influence”: the role of alternative media in the Greek protests in 2008. **Estudos em comunicação**, Covilha, v.11, p.1-29, 2012. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/11/pdf/EC11-2012Mai-01.pdf>>. Acesso em 12 de junho 2015.

POLLETTA, Francesca; JASPER, James M. Collective Identity and Social Movements. **Annual Review of Sociology** 27, Palo Alto, v. 1, p.283-305. 2001. Disponível em: <https://campus.fsu.edu/bbcswebdav/institution/academic/social_sciences/sociology/Reading%20Lists/Stratification%20%28Politics%20and%20Social%20Movements%29%20Copies%20of%20Articles%20from%202009/Polletta-AnnualReview-2001.pdf>. Acesso em: 10 de abril 2015.

PSIMITIS, Michalis. El ciclo de la protesta de la primavera de 2010 en Grecia. **Social Movement Studies: Journal of Social, Cultural and Political Protest**, Londres, v. 2, n. 10, p.191-197, abr. 2011.

RITZALEOU, Maria. **In social crash the country limits**. 2011. Disponível em: <<http://www.ethnos.gr/article.asp?catid=22768&subid=2&pubid=63584854>>. Acesso em: 01 de junho 2015.

RIZOSPASTIS. **Anonymous leaders of the movement of the indignant in Greece**. 2011. Disponível em: <<http://mrzine.monthlyreview.org/2011/rizospastis130611.html>>. Acesso em: 08 de junho 2015.

ROBERTS, Dan. **Greek debt crisis: how did the Greek economy get into such a mess?** 2010. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2010/may/06/greek-debt-crisis-economy>>. Acesso em: 01 de junho 2015.

SERGI, Vittorio; VOGIATZOGLU, Markos. Think globally, act locally? Symbolic memory and global repertoires in the Tunisian uprising and the Greek anti-austerity mobilizations. 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/4991439/Think_Globally_Act_Locally_Symbolic_memory_and_global_repertoires_in_the_Tunisian_uprising_and_the_Greek_a>

nti-austerity_mobilizations>. Acesso em: 10 de junho 2015.

SETIMES.COM. **Reece promises to meet bailout targets in 2011**. 2011. Disponível em: <
http://www.setimes.com/cocoon/setimes/xhtml/en_GB/features/setimes/features/2010/11/19/feature-01>. Acesso em: 30 maio 2015.

SOTIRAKOPOULOS, Nikos. **No politics please, we're trying to protest!:** A Greek student reports on how ideology has been expelled from the anti-government protests in Athens and elsewhere. 2011. Disponível em: <
<http://www.spiked-online.com/newsite/article/10590#.VXMhvs9Viko>>. Acesso em: 06 jun. 2015

SOTIRAKOPOULOS, Nikos; SOTIROPOULOS, George. 'Direct democracy now!': the Greek indignados and the present cycle of struggles. **Current Sociology**, v.61. p.443-456. 2013.

TAYLOR, Verta; WHITTIER, Nancy. Collective identity in social movement communities. In: MORRIS, A; MILLER, C. **Frontiers in Social Movement Theory**. New Heaven: Yale University Press, 1992.

TEJERINA, Benjamin et al. From indignation to occupation: a new wave of global mobilization. **Current Sociology**, v.61, p.377-392, 2013.

THEODOSSOPOULOS, Dimitrios. Infuriated with the infuriated?: blaming tactics and discontent about the greek financial crisis. **Current Anthropology**, Chicago, v. 2, n. 54, p.200-221, abr. 2013. Disponível em: <
<http://www.jstor.org/stable/10.1086/669855>> Acesso em: 04 jun. 2015.

TORRES, Luís. **Mas afinal, o que é a troika?** 2011. Disponível em: <
<http://politicaportugal.com/mas-afinal-o-que-e-a-troika/#>>Acesso em: 07 de junho 2015.

Aganaktismeni: The Greek social movement between reason and emotion

ABSTRACT

During the biennium 2010-2012, Greece has witnessed a series of protests and collective mobilizations against the austerity measures taken by the Greek government. The Greeks Indignant movement, mirrored on the eponymous Spanish group, occupied the main squares of the country. Without a common political identity, the Greeks expressed their emotions through anger, hatred and solidarity. This paper seeks analyze the introduction of emotions in the Greek protests from Jasper and Polletta's perspectives, presenting an analysis of the Greek movement.

Keywords: Emotions, Greece, Revolt, Crisis.